

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N7

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.7, Novembro 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier
Prof. Dr. André Magalhães Coelho

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 7 (Novembro 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021.

69p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/61a55acca9539552417b4463>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/11/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

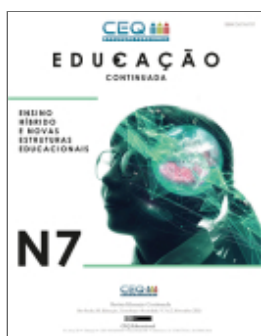
Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

SUMÁRIO



V3(N7), 2021 Novembro (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-25

Educação inclusiva na educação infantil

ESTER PRISCILA ROMERA

p.26-34

A importância da produção ensaística de Prudente de Moraes, Neto, para a imprensa brasileira

Ana Claudia Bandeira Barbosa

p.35-43

Efervescência cultural no Brasil: As inovações da década de 1920

Ana Claudia Bandeira Barbosa

p.44-55

VIDA E OBRA DE PRUDENTE DE MORAES

Ana Claudia Bandeira Barbosa

p.57-69

A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO INTEGRAL DE EDUCANDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tânia Cristina Viana Lemos

VIDA E OBRA DE PRUDENTE DE MORAES

Autora: Ana Claudia Bandeira Barbosa¹

RESUMO

Prudente de Moraes, neto (neto do primeiro presidente republicano do Brasil) juntamente com Sérgio Buarque de Hollanda lançaram a Revista Estética em 1924, a qual tinha por objetivo expressar a revolução artística e cultural do Modernismo por meio da impressão nesse periódico. No entanto, devido às dificuldades financeiras e também às diferenças de estilo, conflito acentuado entre o moderno, representando pelos autores supracitados e a tradição, exemplificada pelo escritor Graça Aranha, a Revista A Ordem saiu de circulação.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA

1904

Prudente de Moraes, neto, nasce no Rio de Janeiro, em 23 de maio, na rua Maloino Reis, mais tarde rua Aristides Lobo, no Rio Comprido.

Filho de Prudente de Moraes, filho, e Blandina Moraes; neto do ex-presidente da República, Prudente de Moraes.

Com dois meses de idade perde a mãe e a única irmã de apenas 3 anos.

1909

Aos 5 anos faz sua primeira viagem para a Europa, levado pelo avô materno, o general Luís Mendes de Moraes.

1913

Aos 9 anos vai novamente para a Europa, desta vez com seu pai, o deputado Prudente de Moraes, filho.

1917

Inicia o curso ginásial no Colégio Pedro II e escreve seu primeiro artigo em *A Época*, revista da Faculdade de Direito, sobre um livro de versos de Prado Kelly - *Alma das coisas*.

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo. Graduação e Pós-Graduação (Especialização e Mestrado - UNESP -Universidade Estadual Paulista), experiência na área da educação e jurídica.

1922

Conhece Sérgio Buarque de Hollanda e nesse mesmo ano reage contra a Semana de Arte Moderna.

1924

Prudente de Moraes, neto, funda a revista *Estética* juntamente com Sérgio Buarque de Hollanda.

1925

Colabora para o *Diário de Notícias* e para as revistas: *Revista Nova*, *Terra Roxa* e *Revista do Brasil*.

1927

Estreia a crítica de cinema, escrevendo um artigo sobre o filme Bem-Hur no *O Jornal*, de Assis Chateaubriand.

1928

Em 1928 escreve um artigo para a *Revista de Antropofagia*.

1930

É válido acrescentar a sua participação nas três revoluções brasileiras ocorridas respectivamente nos anos de 1930, 1945 e 1964.

1931

Escreve crítica de poesia para a revista *A Ordem* até 1932.

1936

Em 1936, Prudente de Moraes, neto, exerce o cargo de diretor, além de fundar a disciplina de Técnica e Críticas literárias, que hoje corresponde à disciplina de Teoria Literária, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, onde permaneceu até 1939.

Falece o pai de Prudente, Prudente de Moraes, filho.

1939

Publica o seu mais longo ensaio, *O Romance brasileiro*.

Exerce a advocacia de 1939 a 1943, além de prestar serviços à Assistência Jurídica do Patrimônio Histórico.

1944

Cria a primeira crônica de turfe da imprensa brasileira, no jornal *Folha Carioca*.

1945

Colabora no jornal *Diário Carioca*.

De 1944 a 1955 exerce o cargo de Presidente do Partido Republicano.

1955

De 1955 a 1962 Prudente atua como redator-chefe do *Diário de Notícias*.

1958

Chefia a Sucursal do jornal *O Estado de São Paulo*, no Rio de Janeiro até 1967.

1964

Escreve para o jornal *O Estado de São Paulo*, atividade que se estenderá até 1977.

1970

Inicia a colaboração no *Jornal do Brasil*.

1975

Em setembro é nomeado Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), cargo que ocupará até sua morte.

Além das atividades expostas acima, vale acrescentar também a sua condição de membro do Conselho Deliberativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, além do cargo que exerceu de Jurisconsulto da Light.

1977

Em junho começam aparecer os primeiros sintomas da doença, que mais tarde o acometeria.

No dia 21 de novembro ocorre o último encontro político de Prudente, que nesta data recebe, em sua casa, a visita do Senador Petrônio Portella.

Falece às 2h:30min, do dia 22 de dezembro, de neoplasia pulmonar. 23

A FORMAÇÃO INTELECTUAL

Não há praticamente notícias sobre a infância de Prudente de Moraes, neto, sabe-se somente que aos 5 anos fez sua primeira viagem à Europa, levado pelo avô materno, e aos 9 anos foi novamente para a Europa, mas desta

vez foi seu pai, o deputado, Prudente de Moraes, filho, que o assistiu na viagem.

Em 1917 iniciou o curso ginasial no Colégio Pedro II. Prudente estava com 13 para 14 anos e estudava por essa época os clássicos: Camões, Bocage, Sá de Miranda e tinha pela literatura portuguesa um apreço especial.

É em meio aos clássicos e à concepção da literatura tradicional que se encontra Prudente em 1922, apoiando as ideias anti modernas, já que por esse período os artistas estavam divididos em duas correntes: os que pretendiam inovar e os que procuravam conservar o tradicional.

E é nessa última corrente que o jovem Prudente de Moraes, neto, se insere, pois este só aderiu aos preceitos modernos após a leitura do poema *Santa Maria Egípcíaca*, de Manuel Bandeira, descoberta que se deu por meio das aulas de João Ribeiro, crítico e professor muito admirado por parte dos estudantes da época e o responsável pela apresentação da obra de Bandeira.

Infelizmente, não se tem informações precisas sobre a infância e adolescência do autor. Dessa forma, optou-se por resgatar a fase de estudante, no Colégio Pedro II, já que este é o único período de que se tem testemunho, e, na voz do próprio Prudente.

Em suas memórias, publicadas no ano de 1946 no jornal *Diário Carioca*, a imaginação ganhou espaço e foi desenvolvida para formar o retrato de seus personagens, que transitaram entre o mundo fantástico e o mundo real, e foram habilmente reconstruídos em suas características.

As rodas que se formavam nos cafés Vista Alegre, Quinta da Boa Vista, Café e Bilhares Bussaco, Colombo, Leiteria Minas e Rio, lugares simples onde os “meninos-estudantes” já iniciavam discussões sobre literatura (crítica e criação), espaço aberto para o início da formação dos gostos e tendências.

Os professores, os colegas, o ambiente do Colégio Pedro II foram pintados com pormenores, detalhes, frases que caracterizavam os personagens em suas particularidades até mesmo linguísticas, demonstrando uma destacada capacidade, por parte do autor, na construção do discurso.

No Colégio Pedro II, principalmente nos primeiros dias de aula, o que se evidenciava era a rígida disciplina que deveria ser seguida à risca, o que causou em Prudente um certo mal-estar. O exagero de regras impostas pela disciplina, o silêncio obrigatório nas horas vagas, sendo permitida somente a leitura dos livros escolares, e ainda, a punição para o não cumprimento das regras, às quais, entre outras, levavam os alunos a serem “privados de saída”. Assim, o término das aulas causava um enorme bem-estar, a retirada do uniforme era como uma verdadeira libertação.

Os privados de saída ficavam duas horas, eram 120 minutos, em silêncio absoluto, após ouvir alguns conselhos

do Seu Salatiel, que ficava responsável pelos “privados de saída”. Seu Salatiel, de porte britânico e fisionomia assustadora, assumia, porém, ao aconselhar os meninos, uma postura quase branda.

No entanto, a adaptação ao Colégio, o gosto e afeição pelo mesmo, que em princípio pareciam ser impossíveis, ganharam espaço, deixando de lado o desconforto sentido nos primeiros dias de aula.

Devido ao excesso de disciplina, os alunos repetentes causavam verdadeira admiração nos outros colegas, já que conheciam de antemão alguns professores e alunos. Um dos meninos “repetentes” estudava na turma de Prudente, seu nome era Leopoldo Ferreira Valente, personagem citado pelo autor e reconstruído em suas características de ciclista, que habilmente conseguia conversar, em sala, sem ser notado pelo inspetor e assim conseguia se comunicar com os outros colegas.

O inspetor “seu Andrade”, de terríveis hábitos disciplinares, era o mais famoso pelas suas “maldades” realizadas com os alunos. Quando foi designado para assistir a turma de Prudente, este se prontificou a saber todas as regras, os direitos e deveres dos estudantes, para que “seu Andrade” não abusasse da autoridade. O tempo foi passando e Prudente diz não ter presenciado nenhuma injustiça com ele ou algum de seus colegas, embora a carranca permanente e a rigidez do inspetor fossem desagradáveis e motivos de sobra para que os meninos o vissem como um inimigo.

Com um sinal no rosto, que parecia ser uma navalhada, “seu Andrade”, se afeiçoava aos personagens de filmes de terror, mas Prudente começou a pensar sobre a vida daquele homem. Será que a “navalhada” era uma cicatriz devido a uma briga de amor? E, como um “escavador”, o autor descobre por detrás da carranca pesada de seu Andrade, a sua humanidade numa tentativa de ver além da “fera”, em busca do “humano”, ele discorre sobre histórias – “imaginárias investidas”, histórias fantásticas que construiria a vida daquele homem, seu personagem.

O curso era constituído por oito disciplinas, mas sendo obrigatórias apenas cinco destas, as outras três eram: desenho, ginástica, e instrução militar – as quais não influenciavam na promoção de ano, mas exigiam aulas práticas e teóricas.

Geografia era a disciplina em que o autor tinha maior dificuldade, devido ao seu caráter “decorativo”, método muito criticado pelo mesmo, já que este o considerava como “um exercício de memória”.

Ainda com relação ao ato de “decorar”, o autor fez outra crítica a respeito dos Concursos, de uma maneira geral. Em um de seus artigos, confessa que apesar de apreciar muito o exercício da cátedra, nunca se imporia tal castigo: decorar, desumanamente uma série de conteúdos, os quais não seriam apreendidos, mas apenas repetidos.

A avaliação dos concursos, segundo Prudente, para admissão de professores, comprovavam a capacidade

científica, nem sempre compatíveis com as necessidades de ensino: “Conhecimento e matéria, é uma coisa. Arte de transmitir esse conhecimento na medida da capacidade e conveniência dos alunos, é coisa completamente diversa”.

A grande questão que atormentou o autor em sua fase inicial de estudante era: entrar ou não entrar nas aulas, o que se tornou uma dúvida fundamental, pois a vida nos cafés, os cinemas, o futebol, a praia, enfim, “a vida”, parecia de tal forma separada dos afazeres estudantis.

De um lado estava a importância dada às conversas com amigos – as quatro horas – de absoluta liberdade a ser desfrutada, do outro lado, estavam os deveres, o estudo, as obrigações estudantis.

Mas às tais “gazetas”, como o próprio autor as chama, ou seja, o não comparecimento, seguia-se o remorso por ter faltado à aula, o que não acontecia com todos, apenas com aqueles que achavam que tinham tanto a aprender para a formação mínima cultural que almejavam, e sendo assim, não deveriam perder tempo com os divertimentos.

Por outro lado, nessas mesmas gazetas, os meninos também discutiam questões fundamentais de vida que os mestres jamais ensinariam: “O mundo didático superposto ao mundo real, enquanto o primeiro preparava para os exames, concursos, discussões, mas não para entender o mundo e para viver”.

Era nos cafés, e em especial na Leitaria Minas e Rio, que os estudantes criaram a sociedade anônima “Café com leite”, a qual se propunha “objetivos exclusivamente culturais”, e onde os alunos do Colégio Pedro II se refugiavam das lições.

Foi ainda no Pedro II que Prudente escreveu seu primeiro artigo para *A Época*, revista da Faculdade de Direito, sobre um livro de versos – *Alma das coisas*, de Prado Kelly, autor que, segundo Prudente, o fez descobrir a poesia de Menotti Del Picchia e também o apresentou a Graça Aranha.

Enfim, participando das gazetas ou entrando nas aulas, o autor, por meio da vivência e convivência durante o período em que estudou no Colégio Pedro II, formou as bases dos seus conhecimentos.

Mais do que sobre o conteúdo das aulas, aprendeu sobre o mundo como um todo, os primeiros contatos com os colegas e professores lhe trouxeram o lado humano e real da vida.

A DESCOBERTA DE DOIS MUNDOS

Em 1918, após ter contraído sarampo e a gripe espanhola, Prudente de Moraes, neto, foi obrigado a ficar três meses em casa. Período em que coincidiu com o último bimestre do ano letivo do Colégio Pedro II, o que levou o autor a empreender e a “fiscalizar” o seu estudo autodidata.

Esses acontecimentos levaram-no a procurar outras leituras. Foi então que se encaminhou para a estante de seu pai e começou a ler, de maneira incontida e fascinada, um romance, que devido às suas características, apresentava-se de forma diferente em relação a tudo que Prudente havia lido e entendido como literatura.

“A descoberta do mundo – o da literatura”, deu-se justamente nesse período, e a obra responsável por uma súbita paixão e desenfreado interesse pelo mundo literário foi o romance de André Gide – *Isabelle*, obra que proporcionou a descoberta da plurissignificação do texto literário. O autor declara: “(...) Eis como recebi a revelação de um sentido e de uma força que até então não suspeitava que os livros pudessem trazer (...)”¹

Quanto à descoberta do modernismo, esta não se deu prontamente, pois Prudente de Moraes, neto, nem mesmo participou da Semana de Arte Moderna. Por esta época, ainda era a poesia de Olavo Bilac que o fascinava, a rigidez das formas, os versos metrificados e rimados segundo as normas do parnasianismo, era a estética literária que o embalava em suas leituras de menino de 18 anos, em busca de sua formação cultural, que mudaria, segundo Prudente, após a descoberta do modernismo.

A afeição pelo movimento modernista nasceu após a leitura do poema de Manuel Bandeira, *Santa Maria Egípcíaca*. A primeira leitura foi de indignação, já que o poema rompia com a estética antes seguida pela maioria dos poetas brasileiros, indo contra os preceitos da estética parnasiana, que tanto agradava a Prudente.

Mas, ao contrário do que se esperava, os versos de *Santa Maria Egípcíaca* voltavam à mente do autor, insistentemente, o que o fez parar e pensar o que estaria por trás dessa nova literatura, pela qual, sem querer, o autor já se deixava conduzir. Foi a partir de então que Prudente se propôs rever os seus princípios literários e estéticos e reavaliou os antigos valores, passando de parnasianista à modernista. Ele declarou: “(...) E da aceitação desse poema como poema, nasceu, para mim, a compreensão de todo o vasto campo da poesia moderna

¹ MORAES, neto, Prudente de. A descoberta. *Diário Carioca*, 14 ago. 1946.

(...)² E em uma entrevista³ o autor descreveu como se deu a sua inserção no modernismo, as dúvidas e reflexões que precederam a sua posição em favor do movimento.

(...) Quando se deflagrou o movimento modernista, com a Semana da Arte Moderna de São Paulo, em 1922, reagi como todos os piores inimigos da época em relação com essa coisa que parecia uma loucura, realmente uma loucura. O Monteiro Lobato tinha traduzido bem isto num famoso artigo de crítica à exposição de Anita Malfatti, em 1917– Paranoia ou mistificação. Essa era a síntese do pensamento não modernista em relação ao Modernismo. E eu participava dessa opinião. Mas não era ninguém: não tinha obrigação de pensar nada sobre pintura, nem sobre poesia.

(...) Aconteceu então uma coisa curiosa: encontrei, folheando uma daquelas revistas que impressionavam mais pelo volume e pela apresentação gráfica do que por qualquer outro motivo, uma poesia de Manuel Bandeira. Tinha especial interesse pelo Manuel Bandeira, porque conhecia Souza Bandeira, tio dele, e sabia que o rapaz era poeta. E li aquele poema com o mais indignado horror, porque contrariava todas as noções que tinha, que achava razoáveis como técnica poética, como concepção poética. Para mim, aquilo era um atentado, e até comentei com alguns colegas do Pedro II: “Mas que coisa horrorosa”. Mantive-me nessa posição por alguns dias. E veio acontecer o seguinte: um dia comecei a repetir para mim mesmo versos desse poema horrível. E o poema, como já se disse anteriormente, era a balada de Santa Maria Egípcíaca:

² MORAES, neto, Prudente de. A estrela na testa. *Diário Carioca*, 21 abr. 1946. ³ MORAES, neto, Prudente de. A morte do romance. *O Estado de São Paulo*, 25 dez. 1977.

(...) Isso aconteceu uma, duas, três vezes, até que um dia fiz a seguinte pergunta: ‘Porque repito e me lembro de um poema que considero horrível, o fim da picada?’ Não tem sentido. Se é o fim, por que é que me voltam à memória esses versos? Por que me marcam de tal maneira, que não consigo me esquecer deles? Só há uma resposta: é que não são tão ruins assim. Pelo contrário, devem ser bons que não consigo me desprender do que dizem. Eles ficaram em mim, me marcaram, me entraram na carne. Então são bons versos? Então é um bom poema? Mas, admitindo a hipótese de ser um bom poema então ele deve obedecer a uma boa estética, a uma boa concepção da poesia e das coisas, a uma boa concepção da poesia em função da vida. Então é preciso rever tudo isso. E revi. Revi e mudei. Mudei e não tinha que dar satisfação a ninguém era um cidadão, um particular. Mudei e fiquei quieto.

A atuação de Prudente de Moraes, neto, como já foi dito anteriormente, não se restringiu ao meio literário. Pelo contrário, esta estendeu-se para o jornalismo, o Direito, a política, a Cátedra, para os assuntos sobre turfe (esporte apreciado pelo autor, que aprendeu a ler sozinho nos programas de corrida no Derby Club e no Jockey Club, levado pelo avô materno, o general Luís Mendes de Moraes).

Vale lembrar a sua paixão pelo futebol: “Meu gosto pelo futebol vem antes do colégio, do tempo das peladas na rua Barão de Itambi onde morei 13 anos. Quebrávamos algumas vidraças mas interrompíamos o jogo para deixar passar Bilac que vivia na casa pegada à de meu pai”⁴

² MORAES, neto, Prudente de. A estrela na testa. *Diário Carioca*, 21 abr. 1946.

³ MORAES, neto, Prudente de. A morte do romance. *O Estado de São Paulo*, 25 dez. 1977.

⁴ ALVIM, Teresa Cesário. O homem cordial. *O Estado de São Paulo*, 19 maio.1974.

Em particular, o seu interesse se deu pelo simples e modesto time do Madureira. Sentimento que nasceu após se impressionar com o entusiasmo dos jogadores, apesar das dificuldades financeiras, tornando-se até sócio do clube, após uma proposta feita por Jota Efege.

CONCLUSÃO

Sua atividade estendeu-se também no campo da criação. Compôs vários sambas inéditos “no melhor estilo do Partido Alto”, segundo o depoimento de Cláudia Rodrigues⁵, e o seu lado de compositor não para por aí, “Armando Nogueira e Pompeu de Souza, dizem saber, inteiras, uma valsa e uma marcha-rancho que ele fez”⁶.

Além disso, podemos tê-lo, na criação, por meio de sua poesia “bissexta”, reunida, em parte, na obra de Manuel Bandeira intitulada *Antologia do poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Existe também três contos, todos da década de 20 – *As mortes de Nero*, publicado no 1º número de *Estética*, *Maria da Glória*, na revista *Terra Roxa*, e *Bazar Colosso*, na *Revista Nova*. Além disso, há seus estudos literários, encontrados, em grande parte, em manuscritos, dos quais muitos se remetem à permanente reflexão que o autor se propunha, mudando de opinião, se desvincilhando dos casulos estruturados da tradição,

para aventurar-se pelos novos caminhos lançados pela revolução artística que inicio em 1922. Sem ímpetos, sem exageros (sempre prudente, como seu nome diz.

⁵ RODRIGUES, Cláudia. s. tit. *Gazeta de Notícias*, 25 maio.1974

⁶ CABRAL, Sérgio. ABC de Prudente. *Boletim ABI – Suplemento Especial*. Rio de Janeiro, mar. _ 1978.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira (séculos XVI-XX)*. São Paulo: Saraiva, 1955.
- ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do estudante, 1942.
- ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil. Poesias reunidas*. In: *Obras completas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v. 7.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Zélio Valverde, 1946.
- _____. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1958. 2v.
- _____. *Prosa*. (Org. Antônio Carlos Villaça). Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro – I. Antecedentes da semana de arte moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.
- _____. *Movimentos modernistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- _____. *Seleção em prosa e verso*. (Org. Prof. Amarilles Hill). Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: USP, 1975.
- _____. *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- _____. *Literatura e sociedade*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959. v. 1
- _____. *Livros na mesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- CHAVES, Flávio et alii. *Aspectos do modernismo brasileiro*. Rio Grande do Sul: UFRS, 1970.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade – Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul América, 1968. 2v.

_____ *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: *Ensaio* (Trad. de Ivan Junqueira). São Paulo: Art, 1980.

ESTÉTICA - 1924/1925. (Ed. facsimilada). Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.

GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. 16 ed. (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GRIFFITHS, Paul. *Enciclopédia da música do século XX*. (Trad. Marco Santarrita et al). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (Org. Francisco de Assis Barbosa). 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

IKEDA, Marilda Balieiro. *A contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Revista do Brasil (II fase). São Paulo, 1975. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas cidades, 1974.

LIMA, Alceu Amoroso. *O crítico literário*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1945.

_____ *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pressão Afetiva e aquecimento intelectual*. Cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932). (Org. Cecília de Lara). São Paulo: Giordano: Lemos: EDUC, 1997.

MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1965.

_____ *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.

MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP-IEB, 2000.

- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. São Paulo: Giordano e Ateliê editorial, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. 4 ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____ *O arco e a lira*. (Trad. O. Savary). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESSOTTI, Isaías. *A loucura e as épocas*. 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 1995. PRIESTLEY, J.B. *A literatura e o homem ocidental*. (Trad. Aurélio Gomes de Oliveira). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. (Trad. A. de Campos e J. P. Paes). São Paulo: Cultrix, 1970.
- REBELO, Marques. *O trapicheiro (1936-1938)*. Primeiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1959.
- _____ *A Mudança (1939-1941)*. Segundo Tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1962.
- _____ *A guerra está em nós (1942-1944)*. Terceiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1968.
- RIBEIRO, João. *Os modernos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, 1973.
- SENNA, Homero. *República das Letras*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- WELLEK, Renè. *História da crítica moderna*. São Paulo: Herder/ EDUSP, 1972.